

A MEGAMÁQUINA POLÍTICA: PODER, RESISTÊNCIA E DESERÇÃO

THE POLITICIAN MEGAMACHINE: POWER, RESISTENCE AND DESERTION

Davis Moreira Alvim¹

Resumo: Partindo da investigação dos conceitos de “molar” e “molecular” no pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, o artigo busca desenvolver a ideia de *megamáquina política*. Trata-se de um conjunto complexo de forças que entretém relações com o poder, as resistências e a soberania que só pode ser desvendado por meio da distinção entre macro e micropolíticas.

Palavras-chave: Micropolítica. Poder. Resistência. Deleuze. Guattari.

Abstract: Starting from the investigation of the concepts of “molar” and “molecular” at the thought of Gilles Deleuze and Felix Guattari, this paper aims to develop the idea of *politics megamachine*. It is a complex set of forces that entertains relationships with the power, the resistances and the sovereignty that can only be solved through the distinction between macro and micropolitics.

Keywords: Micropolitics. Power. Resistance. Deleuze. Guattari.

Em 1571, Michel de Montaigne publicou o conhecido texto de Etienne de La Boétie, *Discurso sobre a servidão voluntária* ou *O contra Um*. Ao menos uma das ideias de La Boétie permanece radicalmente atual. Segundo ele, diante de um tirano não é imprescindível um confronto, mas principalmente que aqueles que vivem sob o seu mando não mais o sustentem “e você o verá, como um grande colosso de quem o pedestal foi retirado, cair com seu próprio peso e romper-se em pedaços” (LA BOÉTIE, 1975. p. 14). Já se encontra aqui a sugestão de que as deserções podem ser tão ou mais perigosas para o funcionamento do poder quanto seu enfrentamento. O próprio termo *resistência* se encontra à beira de um transbordamento: “enfrentar”, “combater”, “lutar” são ações que precisam ser acompanhadas por uma ou mais linhas de fuga, uma ou mais potências desertoras.

As deserções são, contudo, relacionais. Se deserta em relação a algo, mas o que? Tentaremos demonstrar que as fugas estão ligadas a um conjunto complexo de forças que denominamos de *megamáquina política* – uma coligação de vetores que entretém relações mais ou menos tensas com as resistências, os micropoderes e a macropolítica.

¹Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor efetivo do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). E-mail: davisalvim@hotmail.com

1. Os planos da megamáquina política: macro e micropolítica.

Antes de abordar os vetores de saída que agitam e ameaçam as organizações sociais devemos observar que, por outro lado, existem sempre esforços de manutenção da ordem, ou seja, tentativas de impor formas às linhas e canalizar as “antigas forças do caos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 116). Em uma megamáquina sobrevêm linhas de fuga que modificam sua dinâmica e, no limite, destroem-na; mas existem também linhas de articulação e segmentação que têm a função de endurecê-la e mantê-la viva por mais tempo.

Gilles Deleuze e Félix Guattari sugerem que o homem é um animal segmentário, mas não apenas ele, o próprio vivido é constantemente segmentado em linhas que redirecionam as forças desterritorializantes. Existem dois grandes vetores de segmentação: um duro e outro flexível. São duas máquinas distintas: a primeira delas, a *Árvore*, opera por dicotomias e ramificações, exprimindo a segmentaridade endurecida, enquanto o *rizoma*, diferentemente, traça linhas e as faz escoar. O sistema arborecente não para de desenvolver a lei do Uno. Não que ele seja indivisível, pois sem dúvida se pode passar do Um ao dois, ao três, ou a qualquer outra numeração, mas sempre com a condição de se partir de uma forte unidade central, de um núcleo de onde se possa proceder a divisão ou a repartição. Já o rizoma aborta a raiz principal, ou então a distribui em suas extremidades. Existe nele a possibilidade de um tipo diferente de unidade, que subsiste como passada ou por vir, como *unidade possível*. Ou melhor, o rizoma subtrai “o único da multiplicidade a ser constituída” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15), sua fórmula é $n-1$, pois o uno faz parte das multiplicidades com a condição de ser subtraído dela.

Encontramos esse tipo de inibição do Uno no esforço permanente das sociedades primitivas para bloquear o poder do chefe e recusar qualquer tipo de unificação arbórea. É um trabalho de conjuração do Um, ou, à maneira de La Boétie, um contínuo exercício de *contra Um*. Pierre Clastres demonstra que as sociedades primitivas não deixam nenhum espaço para o desejo de superabundância, para isso praticam uma proibição não-formulada da desigualdade, recusam a autonomia do que chamamos de “sistema econômico” e nunca permitem que seus chefes se tornem déspotas. Para tanto, em suas mitologias, constantemente igualam o Um ao Mal (CLASTRES, 1988, p. 151). Não são exatamente sociedades sem Estado, como quer a conceituação que adota o critério da

falta, mas organizações sociais onde o Estado é impossível ou constantemente conjurado.

Diferente das sociedades que recusam o Estado, no sistema arbóreo existe um ponto central de onde se procede por dicotomia. Trata-se de uma ramificação ordenada que supõe um progressivo distanciamento em relação ao núcleo de acumulação, afastamento que ocorre justamente na medida em que se operam divisões e subdivisões. O Estado é um exemplo privilegiado porque desperta como uma cabeça ou um cérebro que reduz a máquina primitiva à condição de “tijolos, de peças trabalhadoras submetidas desde então à ideia cerebral” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 290). O rizoma, por sua vez, remete a um princípio geral de conexão, onde qualquer ponto “pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995. p. 15) e não há núcleo central capaz de ordená-lo. O rizoma implica sempre em uma *trama* e nunca em uma hierarquia. Nessa rede, não há pontos ou posições, somente linhas ou fluxos. Na verdade, todo rizoma é constituído de ao menos dois tipos de linhas: aquelas que se segmentam, territorializam e estratificam e, de outro lado, as que desterritorializam e fazem fugir. Os dois movimentos, desterritorialização e retorritorialização, estão em perpétua relação, presos uns aos outros em um vaivém que carrega boa dose de imprevisibilidade (DELEUZE; GUATTARI, 1995. p. 18). São *linhas de fuga* aquelas que explodem os segmentos, rompem raízes e promovem novas conexões, ou seja, elas se formam quando *uma linha segmentada explode em deserção*. Há sempre “uma linha de fuga, mesmo que começando por um minúsculo riacho” correndo “entre os segmentos, escapando de sua centralização, furtando-se à sua totalização” (DELEUZE; GUATTARI, 1996. p. 94).

As sociedades são, portanto, atravessadas por dois vetores: um arbóreo e outro rizomático. São dois regimes radicalmente diferentes, embora inseparáveis. Devemos então começar a esboçar nosso modelo indicando a existência de duas políticas: a *macropolítica molar* e a *micropolítica molecular*. A primeira envolve grandes conjuntos binários, enquanto a segunda opera segmentações finas. Não são as mesmas formas de agir, os mesmos objetivos, nem a mesma maneira de lutar. Por exemplo, as classes sociais são organizações molares, enquanto as multidões são realidades moleculares. Não é exato dizer que a classe é fruto de um simples retalho da multidão – isso é verdade, mas apenas em um nível bastante elementar. Na verdade, a classe é uma cristalização da multidão, expressa um endurecimento operado sobre as linhas mais fluidas que formam a *multitude*. Essa última, por sua vez, não é formada por aqueles

que foram excluídos, pois ela não para de escorrer das classes, são também seu vazamento próprio, sua liquefação.

A incursão de Michael Hardt e Antonio Negri na parábola do geraseno indica o plano específico em que a multidão opera (HARDT; NEGRI, 2005, p. 186). Com algumas variações, Marcos, Lucas e Mateus relatam que quando Jesus chega à província dos gerasenos, depara-se com um homem conhecido por transformar cadeias em pedaços e “grilhões em migalhas”. Ao encontrar-se com o endemoninhado que vagava entre túmulos e montes, Jesus pergunta-lhe o seu nome e o endemoninhado responde “Legião é meu nome, porque somos muitos”². Hardt e Negri localizam um ponto importante na parábola: a confusão entre os sujeitos singular e plural. A força demoníaca é, ao mesmo tempo, “eu” e “nós”. Esse atributo próprio dos seres infernais é também uma característica da multidão. O termo *legio* expressa a reunião de muitos (cerca de seis mil homens), mas indica também a capacidade do grupo de formar uma unidade e agir em conjunto, ainda que momentaneamente. Trata-se de um número indefinido, fugidio, não porque não pode ser contado, mas porque opera uma espécie de destruição da distinção numérica em prol da transitoriedade. *A multidão é ao mesmo tempo um e muitos* (HARDT; NEGRI, 2005, p. 187). Deparamo-nos, mais uma vez, com a estranha unidade de um rizoma, unidade que existe virtualmente, como possível, unidade que se apresenta como *ameaça*.

A deserção é perigosa porque os fluxos operam em diferentes graus de desterritorialização e indicam que algo sempre tende a escapar. De forma secundária, as linhas duras trabalham constantemente na substituição dos códigos que estão sendo desertados, promovendo novas segmentações sobre os fluxos desterritorializados, ou seja, operando reterritorializações (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 99). São dois sistemas de referência que estão em razão inversa: enquanto um escapa, o outro detém, enquanto um deserta, o outro impede a continuidade da fuga. Existe complementaridade e coexistência entre os dois planos, mas é preciso notar que *o nível molar somente detém o molecular em um plano, que é o seu próprio*. Ou seja, o sistema duro não abole a vivacidade dos fluxos, que continua perpetuamente mutante.

Agora podemos pensar os planos molar e molecular sob dois pontos de vista, o *horizontal* e o *vertical*. No primeiro caso, ao lançar um olhar horizontal sobre a

² Cf. também BÍBLIA. Lucas. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro. Alfalit, 1996. p. 59.

megamáquina, encontramos três planos que podem ser resumidos da seguinte forma. Na camada inferior escorrem agitações moleculares, multiplicidades conectivas e unidades a *n-1*. Trata-se de uma *máquina abstrata de mutação* que opera continuamente em pontas de desestratificação e desterritorialização. Não é uma máquina mecânica, pois não é composta por substâncias formadas (alumínio, plástico ou aço), mas sim por graus de intensidade (aquecimento ou velocidade) (DELEUZE; GUATTARI, 1997b. p. 228). Nesse plano são traçadas linhas de fuga, asseguradas criações e também novas conexões dos fluxos (DELEUZE; GUATTARI, 1996. p. 104). No plano superior estão as organizações molares ou arbóreas. Poderíamos chamá-la de *máquina abstrata de sobrecodificação*, definida por uma segmentaridade dura que reproduz os segmentos de dois em dois e estende por toda parte um espaço homogêneo, divisível e estriado. Aqui, as multiplicidades estão submetidas ao Uno na sua dimensão sempre superior. Entre eles aparece uma zona de transição que promove liquefações ou endurecimentos, ou seja, uma zona de negociação entre os planos. Os endurecimentos expressam movimentos de ascensão, que levam do rizoma à Árvore, mas existem também escorrimientos descendentes, que operam liquefações nos sistemas molares.

À primeira vista, essa divisão em três camadas assemelha-se à tripartição temporal conforme elaborada por Fernand Braudel. Quando decompõe o tempo, Braudel encontra ao menos três camadas. O *tempo breve* nomeia a mais efêmera das durações, caracterizada principalmente pelos eventos de superfície, pela vida individual e pelo “fôlego curto” (BRAUDEL, 1992, p. 44). O intuito de Braudel é manter o evento acantonado, aprisionado no espaço da curta duração, já que em sua fumaça excessiva, sua novidade sonante, ele enche a consciência dos contemporâneos, mas não dura, é uma chama momentânea, espetacular e ilusória. A curta duração é “a mais caprichosa, a mais enganadora das durações” (BRAUDEL, 1992, p. 46). Mais importante seria a camada de “respiração mais contida” e de magnitude secular: a *longa duração* indica todo o contrário do tempo *événementielle*, é a temporalidade das estruturas que garantem a organização, a coerência e a fixidez das relações sociais. É um estrato que se mantêm estável por uma infinidade de gerações, incomodando o fluxo da história e comandando seu escoamento. Para Braudel, a longa duração é, ao mesmo tempo, um sustentáculo e um obstáculo. Os quadros geográficos que condicionam a vida humana (como climas, vegetações e ventos marítimos), os limites impostos à produtividade (como a disponibilidade ou não de rotas de comércio) e as coerções “espirituais” expressas nos quadros mentais religiosos (como a ideia de cruzada) são exemplos das

prisões da longa duração. Entre essas duas camadas existe ainda o tempo médio, tempo da oscilação cíclica que se assenta sobre a longa duração, de duração mediana (cerca de dez a cinquenta anos), um “recitativo de conjuntura” que pode ser observado, por exemplo, nas curvas de preços e nos dados sobre rendas e produtos nacionais. Para Braudel, a mudança só pode ser apreendida por meio da longa duração, pois somente com base em longuíssimas repetições é possível apreender o novo.

Deleuze e Guattari, por sua vez, não renunciam tão ligeiramente ao plano dos eventos. Sem dúvida, o nível molecular pode ser envolvido e canalizado pela esfera molar, mas é também possível que ele rompa os diques e imponha uma reestruturação geral das organizações molares. O espaço liso da superfície marítima, do ar e até mesmo da terra nada tem de ilusório, implica, antes, na elaboração de saberes baseados em modelos hidráulicos, no privilégio do devir, do turbilhonar, do problemático e, principalmente, na ocupação de um espaço aberto, regido por flutuações e por fluidos que ameaçam o plano molar, forçando-o a abrir-se para algo que transborda (Cf. DELEUZE; GUATTARI, 1997. p. 28-33). Ou seja, se o molar funciona obstando os fluxos, controlando e limitando seu desenvolvimento tanto quanto possível, as deserções moleculares, por sua vez, também se voltam contra a dureza arbórea, corroendo-a e promovendo *desvios*. O molar não é essencialmente um plano de permanência, tão pouco as molecularidades são efêmeras, como quer Braudel, são antes dois tipos de movimento, enquanto um *reproduz*, colocando variáveis em constância, o outro *segue*, à procura de singularidades, ou então, enquanto um *contempla* sob um ponto de vista fixo os fluxos em andamento, o outro é *arrastado* por eles. Aquilo que é mais efêmero no modelo de Braudel, o mais superficial e insignificante, encontra correspondente no plano molecular, conforme pensado por Deleuze e Guattari, como sendo um plano diretamente encarregado das mutações.

2. As coordenadas da megamáquina política: as macropolíticas de dominação e refreamento.

Até aqui não fizemos mais do que explorar os planos horizontais. Gostaríamos de sugerir, no entanto, que os planos horizontais podem ser entrecortados ao meio, verticalmente, formando assim quatro coordenadas. Não é difícil observar essa circuncisão no plano macropolítico, já que ele tende a operar de forma binária. No primeiro corte horizontal localizamos, de um lado, a coordenada molar dominante, caracterizada por sua pretensão à totalização e, de outro, sistemas de refreamento, que

se atribuem a função de oposição a essa mesma totalização. Em seu plano superior, toda megamáquina política tente a apresentar dois polos. Eles *opõem-se* termo a termo, como o escuro e o claro, o virulento e o calmo, o terrível e o regrado, mas, por outro lado, funcionam em dupla, em perfeita alternância, exprimindo a divisão do Uno e compondo uma unidade soberana (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 12). A contradição é seu agente dinâmico próprio. De forma alguma ela ameaça a existência do plano molar, ao contrário, é um elemento de sua vitalidade, já que a relação dois a dois entre os grandes corpos macropolíticos garante a abertura por onde um sistema macropolítico sobrecodifica as deserções mais radicais.

Georges Balandier mostra que é bastante comum que os campos sociais comportem figuras de oposição, fazendo proliferar personagens que expressem incertezas coletivas, introduzindo assim turbulência no mundo dos códigos e dos constrangimentos: Exu ou Legba, Coringa ou Bufão, são alguns exemplos da figura maior que é o *Trickster*, o *Trapaceiro*. Tais personagens reivindicam liberdade contra os constrangimentos da ordem, combatendo “as ilusões segundo as quais se organiza o grande jogo das sociedades” (BALANDIER, 1982, p. 30). Porém, a função desses personagens é ambivalente, já que eles também controlam os descontentamentos, buscando restringir as transgressões ao espaço do ritual, convertendo-se em fatores de ordem. Se o Bufão suprime as disciplinas é apenas para, em seguida, restaurá-las, transformando fatores reais de ruptura em espetáculo, teatralizando-os. Sua função é insinuar o que sucederia à sociedade caso a ordem fosse abaixo: a regressão à selvageria, o predomínio das monstruosidades.

Ora, o grande corpo macropolítico em sua unidade soberana é invariavelmente ameaçado pelas deserções operadas pelas linhas de fuga, justamente por isso precisa manter alguns canais abertos para que as forças moleculares possam animar sua solidez, soprando-lhe novos ventos. A coordenada macropolítica de refreamento é quem abre esse canal ou o filtro por onde as ondulações da zona molecular podem ser apreendidas com maior controle e menor risco. O Bufão ritual é apenas uma forma desses filtros que funcionam abrindo fissuras controladas no plano molar, garantindo a capacidade de cristalização das molecularidades sociais fugidias. A unidade soberana comporta uma região formada por pequenos orifícios, um material poroso que, ao contrário da seleção operada pelo filtro hidráulico, não retém as partículas sólidas, mas o descomedimento dos fluidos. Quanto mais fissuras as macropolíticas de refreamento conseguem sustentar, mais dinâmica elas conseguem imprimir ao plano molar.

Um exemplo de como os movimentos moleculares podem ser cristalizados está nas lutas dos trabalhadores a partir das Revoluções Industriais. Durante boa parte do século XIX e XX, o operariado lutou por melhores condições de sobrevivência, não apenas reivindicando direitos, mas inventando novas formas de existência e de vida em comum. Uma longa tradição intelectual interpreta as organizações sociais governadas pelos Estados de “bem-estar” como uma conjugação entre repressão estatal, manipulação política e satisfação de algumas demandas dos assalariados (FERREIRA, 2001). Dessa forma, haveria uma relação extremamente desigual entre poderes e resistências, quando essa última estaria despontecializada, destituída de qualquer capacidade de interlocução, já que os trabalhadores teriam se tornado cada vez mais impotentes devido ao acesso a bens de consumo de massa, moderando suas lutas e deserções (PADRÓS, 2003, p. 244). Certamente, é um período de forte repressão e intervenção estatal, contudo, não se deve deixar de observar que as ideias, as crenças e os valores que circulavam entre os trabalhadores são partes fundamentais das organizações molares dedicadas ao bem-estar social. Não se trata apenas de manipulação, mas de um momento de cristalização das molecularidades resistentes que só pôde ocorrer porque o Aparelho de Estado aceitou mover-se, secundariamente, na direção das novas conexões estabelecidas pelas lutas dos trabalhadores.

No Brasil, “o projeto trabalhista, para ser compreendido e aceito, não pode ignorar o patrimônio simbólico presente na cultura popular” (FERREIRA, 2001. p. 103). Ou ainda, segundo fórmula de Pierre Bourdieu, a história social ensina que “não existe política social sem um movimento social capaz de impô-la” (BOURDIEU, 2001. p. 19). Portanto, o plano molar promove a cristalização das molecularidades que agitam os trabalhadores, organizando-as sob o invólucro do Estado de bem-estar social. As macropolíticas de oposição por meio, por exemplo, de sindicatos, tende a funcionar como um canal cristalizador de resistências moleculares. É claro que a cristalização é, antes, um *continuum* que já operava “desde sempre” por meio, por exemplo, de doutrinas ou partidos (mesmo os ilegais), muito antes que o próprio *Welfare State* pudesse promover uma sobrecodificação generalizada e intensa das resistências. O que importa é que essa “ascensão cristalizante” das resistências indica que uma segmentação que, aos poucos, impõe-se às multiplicidades resistentes e, ao mesmo tempo, é imposta por elas – ambos são verdadeiros.

3. As coordenadas da megamáquina política: as micropolíticas de confirmação e resistência.

O plano micropolítico também é plural, embora os limites, nesse caso, sejam mais difíceis de serem estabelecidos. Em sua primeira coordenada encontramos movimentações rizomáticas que confirmam, potencializam e sustentam os poderes estabelecidos, promovendo a ascendência ou a descendência das linhas do poder, permitindo sua migração para camadas mais duras ou, por outro lado, tornando-as mais líquidas e escorradias. Contudo, seu movimento mais importante não é o que vai de cima para baixo ou de baixo para cima, mas aquele que escorre para os lados: as micropolíticas de confirmação, de forma rizomática, conduzem o poder pela sociedade *lateralmente*, atravessando, incitando e produzindo corpos dóceis. Louis Althusser deu um passo importante quando mostrou que *ao lado* do Aparelho Repressivo de Estado existe uma pluralidade de tentáculos que estendem o poder de Estado ao todo social. Assim, paralelamente ao judiciário, ao exército, à polícia, aos presídios e às outras instituições que, no limite, funcionam pela violência, coexistem Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) que, como o próprio nome sugere, operam principalmente por ideologia. Sua função é capturar os sujeitos em um sistema que faz com se “trabalhe”, e que se “trabalhe sozinho”, ou seja, trata-se de produzir bons sujeitos que operam “por eles mesmos”, sem a necessidade da ação repressora constante. Os AIE estabelecem por toda parte o enunciado segundo o qual é “realmente verdade que as coisas são assim e não de outra maneira” (ALTHUSSER, 1985. p. 138) e que, portanto, deve-se “obedecer a Deus, a sua consciência, ao padre, a De Gaulle, ao chefe, ao engenheiro” (ALTHUSSER, 1985. p. 138). Ou melhor, os AIE agenciam corpos para que eles executem sozinhos “os gestos e atos de sua submissão” e inscrevam, na vida, as “admiráveis palavras da oração: ‘*Amém – Assim seja*’” (ALTHUSSER, 1985. p. 138).

É justamente da análise das micropolíticas de confirmação que Michel Foucault se ocupou durante boa parte da década de 70. Porém, ele não estava satisfeito com abordagens que se concentravam nas “formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro” (FOUCAULT, 1979, p. 182), ao contrário, queria flagrar o poder nas instituições locais, em técnicas precisas e instrumentos materiais, “em suas extremidades, em suas ramificações, lá onde ele se torna capilar” (FOUCAULT, 1979, p. 182), desejava surpreendê-lo, dirigindo gestos e comportamentos, funcionando de forma circular, em cadeia, realizando assim uma análise ascendente do poder a partir:

[...] de mecanismos infinitesimais que têm uma história, um caminho, técnicas e táticas e depois examinar como estes mecanismos de poder foram e ainda são investidos, colonizados, utilizados, subjugados, transformados, desdobrados, etc, por mecanismos cada vez mais gerais e por formas de dominação.

Foucault argumenta que não é a dominação global que se multiplica e repercute até embaixo, ao contrário, são os fenômenos mais gerais que agem preferencialmente por investimento e anexação dos micropoderes (FOUCAULT, 1979. p. 184). Essa micromecânica do poder é constituída, por exemplo, de mecanismos de exclusão, aparelhos de vigilância e de medicalização da sexualidade, da loucura ou da delinquência que funcionam ao nível molecular, das famílias, dos vizinhos, dos pais e dos médicos. O que separa tais micropolíticas das macropolíticas de dominação não é simplesmente sua atuação miniaturizada, mas antes sua *função* produtiva, visando à otimização das forças vitais. Seu papel mais importante não é desempenhar movimentos de despotencialização das resistências, mas cultivar a feição inventiva e rizomática do poder, sua ação “antes mesmo de”, *positiva*. Trata-se de uma criatividade que está a serviço da produção de tecnologias de subserviência e, nesse sentido, produz máquinas esplendorosas, as quais Foucault não cansou de denunciar: o confessorário pastoral, o panóptico disciplinar, a *Scientia Sexualis* e seus poderes sobre a vida. As micropolíticas de confirmação encerram o maior dos paradoxos do poder: elas criam, mas, justamente, *trata-se da criação de técnicas de submissão*. Althusser dá um passo significativo em direção à compreensão das políticas moleculares de submissão, mas é Foucault quem reconhece sua acentralidade e encontra suas linhas próprias, seu aspecto produtivo, sem os quais as macropolíticas de dominação estariam em maus lençóis.

Sob o ponto de vista das micropolíticas de confirmação, o contexto contemporâneo emerge como se já mal conseguíssemos distinguir poder e resistências. Norbert Elias apreendeu de forma pioneira um movimento importante de interiorização dessas forças micropolíticas: o *autocontrole*. Para ilustrar o processo de interiorização recorreu ao exemplo dos diferentes sistemas rodoviários do que chamou de “sociedades simples” e “sociedades complexas” (ELIAS, 1993, p. 196). No primeiro caso, temos uma sociedade de guerreiros, marcada por estradas sem calçamento, com pouquíssimo tráfego, onde a todo tempo apresenta-se o perigo de um ataque de soldados ou

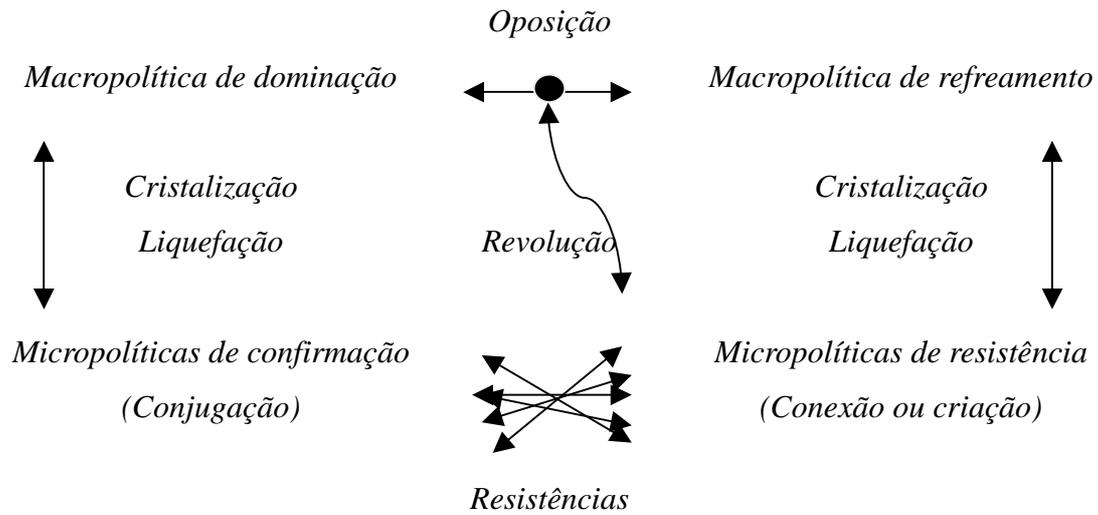
saqueadores. Durante os deslocamentos por estradas quase desertas, os condutores dirigem seus olhares primeiramente para as árvores, os arbustos e os morros, e apenas secundariamente vigiam a estrada, já que o risco de um ataque armado é sempre maior do que uma colisão com outro veículo. Ao contrário, em nossas sociedades, encontramos um grande fluxo de pedestres, ciclistas ou carros que precisam lidar com interrupções e partidas comandadas por sinais de trânsito, atravessando constantemente todo tipo de cruzamento. Para que essa rede funcione é necessário que os indivíduos regulem seu comportamento da maneira mais exata possível, voltando suas atenções primeiramente para o exercício do autocontrole pessoal e, apenas secundariamente, para as ameaças externas à rodovia, como o assalto ou o sequestro. No primeiro caso, trata-se de uma vida que exige uma prontidão para a luta e dá livre rédea às emoções, no segundo, um mecanismo psicológico completamente diferente se apresenta. Civilizacionais, as sociedades modernas e contemporâneas não só tendem a fundir poder e subjetividade, mas conclamam as micropolíticas de confirmação para criar e administrar as tecnologias que permitem a circulação e a intensificação do poder .

A quarta e última coordenada da megamáquina é formada por micropolíticas de resistência que funcionam por deserção. No limite, deserta-se em relação a toda a megamáquina política. Por exemplo, há deserção quando as macropolíticas de refreamento tornam-se uma coordenada inócua e mal se diferenciam daquelas que buscam a dominação. Ou seja, a incapacidade do plano molar para administrar e filtrar os fluxos pode ter como consequência a deserção em massa. Isso pode ocorrer por inabilidade política molar, mas é mais comum que os próprios fluxos assumam um volume tal que torne impossível administrá-los, impondo assim um movimento de sobre-codificação. Ora, ao mesmo tempo em que o *Welfare State* reterritorializa as linhas de fuga atizadas pelo operariado em revolta contra a exploração capitalista, cristalizando-as sob novas organizações molares, ele já é obrigado a lidar com novos fluxos resistentes que se desterritorializam e aos poucos se avolumam, desejando construir novos espaços para as minorias insatisfeitas com a configuração assumida pelos Estados de bem-estar e também com as linhas de fuga criadas pelas resistências dos trabalhadores. *Trata-se de um processo de invenção de novas formas de luta.* Emergem assim uma série de lutas heterogêneas, por exemplo, contra o sexismo, o racismo, a destruição da natureza e a homofobia, conflitos que escorrem por fora das instituições estabelecidas (ALTAMIRA, 2008. p. 50). Eles desertam não apenas as macropolíticas de dominação e seus prolongamentos moleculares, mas também não se

sentem à vontade ao lado das macropolíticas de refreamento vigentes, excessivamente apoiadas nos assalariados, nos homens, nos partidos e mesmo em certos aspectos da doutrina socialista.

Em meados da década de 1970 aparecem alguns conflitos sociais, aparentemente desconexos, que debilitam as instituições sociais do capitalismo: as lutas das minorias negras e homossexuais contra a discriminação nos EUA, as ações contra a ditadura e a hegemonia norte-americana na América latina e na África ou os conflitos do verão de 1969 na Itália são apenas alguns exemplos. Os escorrimentos resistentes se prolongam ainda em movimentos pós-socialistas que já não se contentam em tentar corrigir as injustiças cometidas pelos poderes ao distribuírem os lugares e as funções. Nos movimentos das mulheres, depois de uma fase de afirmação da igualdade, aparecem novas práticas de multiplicação das identidades mutantes, uma espécie de constituição de “mil sexos” moleculares: lésbicas, transexuais, travestis, mulheres de cor, etc. Certamente tais fluxos não deixam de encontrar novas capturas, já que ao longo da década de 1980 a empresa e o marketing logo emergem como instituições prontas para captar os fluxos de criatividade desertores e as inspirações mais inovadoras das décadas de 1960 e 1970. No novo contexto neoliberal, a empresa comparece como multiplicadora de mundos, contudo, trata-se de “mundos lisos, banais, formatados, (...) vazios de toda singularidade” (LAZZARATO, 2006. p. 209), ou seja, quando a liberdade é gerenciada para escolher dentro de um campo já instituído e concebido (AMBROZIO, 2011).

A MEGAMÁQUINA POLÍTICA



Em nosso quadro, os vetores de resistências devem ser entendidos como forças que agem *entre* os campos. Chamamos de resistências às relações de conflito que ocorrem entre as micropolíticas de resistência e aquelas que trabalham na invenção dos poderes ou no prolongamento dos mecanismos de dominação macropolíticos. As *resistências funcionam resistindo aos efeitos microfísicos do poder*. Tais conflitos não são bem explicados pela noção de oposição, já que eles não formam dois corpos que se opõem termo a termo, nem mesmo de forma dialética, mas encerram uma multiplicidade cambiante de relações que operam, primeiro, em uma grande variedade de enfrentamentos e focos de combate e, segundo, são marcados pela precariedade dos objetivos de lutas, por unidades sempre provisórias e pela deserção em relação às segmentações mais endurecidas. Ou seja, a oposição é um vetor próprio do plano macropolítico, pertence apenas a ele. Por outro lado, talvez seja preciso conferir um estatuto especial para as micropolíticas de resistência, reconhecendo-as como uma esfera de criação ou um campo de linhas conectivas especialmente fugidias. Assim, uma segunda e mais perfeita formulação indica que as resistências expressam, na verdade, relações de enfrentamento e deserção que *partem* dessa esfera micropolítica *contra as relações de poder que se formam em todas as esferas, inclusive nela própria*. As resistências são o fluido conflituoso e fugidio que escorre *entre as políticas*. Pode acontecer de elas contaminarem as formas de oposição, formando um coágulo que salta contra a dominação macropolítica por meio de uma revolução. É mais usual, contudo, que enfrentem continuamente o poder nas instituições, nos saberes ou nos próprios corpos.

4. Projeções de unidade na megamáquina

As coordenadas macro e micropolíticas das quais tratamos anteriormente aspiram, cada uma a seu modo, a formas de unidade bastante diferentes, que não deixam de ameaçar umas as outras com a possibilidade de provocar um abalo no funcionamento da megamáquina. A ideia de *povo*, por exemplo, expressa uma forma de coesão característica das macropolíticas de dominação, já que promove a condução das multiplicidades na direção de uma organização homogênea que reduz a diversidade à identidade única. A noção de povo remete à unidade política nacional e centralizada, ou seja, às formas de vida associadas ao espírito público dos grandes Estados. O “povo é uno” (HARDT; NEGRI, 2005. p. 12). Para Paolo Virno (2003), Hobbes é o grande defensor da associação entre a vontade única popular e a segurança do Estado. Nesse sentido, o povo só pode ser formado como resultado da vitória sobre a desordem característica do estado de natureza. Hobbes opõe a organicidade do povo à desordem da multidão. Essa última, segundo ele, rejeita a unidade política, a obediência e os pactos duradouros, não alcançando nunca o status de pessoa jurídica. O Uno, expresso pela noção de povo, é um lugar de convergência: o “povo é o resultado de um movimento centrípeto: dos indivíduos atomizados à unidade do ‘corpo político’, à soberania” (VIRNO, 2003, p. 18). O povo é uma expressão possível da unidade das macropolíticas de dominação.

O termo *classe*, por sua vez, indica um exemplo do segundo tipo de unidade possível no plano político molar, unidade que, dessa vez, é proclamada pelas macropolíticas de refreamento. Existem, é claro, muitas formas de compreensão do termo. O marxista Edward Thompson indica que se trata de uma forma de unidade inseparável da ideia de “luta de classes” (THOMPSON, 2001, p. 269-281). Ele pretende inverter a perspectiva marxista clássica, segundo a qual é preciso trabalhar na conscientização da classe para que, apenas assim, elas possam colocar em movimento uma verdadeira luta de classes. Ao contrário, as pessoas vivem em sociedades estruturadas por relações de produção, suportam a exploração, identificam os nós dos interesses antagônicos e, apenas no curso da luta, descobrem-se como classes. Essa última seria resultado de processos conflituosos concretos e não um pré-requisito para a luta entre duas classes. A constituição das classes parece resultar sempre em oposição binária: burgueses *versus* nobres, operários *versus* burgueses, camponeses *versus*

proprietários, etc. As classes não se apresentam necessariamente em duplas, podendo configurar trios, quádruplos, ou mais, porém, quando grupos com interesses sociais diversos entram em contradição, a luta tende a assumir um aspecto binário e opositivo. A classe indica a unidade característica das macropolíticas de refreamento, operando uma cristalização em meios às molecularidades dissidentes, organizando-as segundo princípios binários duros. Ela demonstra ainda que o plano molar é também capaz de pluralidade, ou, ao menos, que está apto de dividir-se e, mais importante, contradizer-se.

Já as micropolíticas de confirmação comportam “unidades” muito mais fluidas e inapreensíveis, como, por exemplo, a *massa*. As massas diferem do povo e das classes porque não podem ser reduzidas à unidade ou à identidade única, nem tão pouco operam por oposições binárias. Aliás, elas não produzem qualquer outro tipo de oposição, já que *sua essência é a indiferença* (NEGRI; HARDT, 2005. p. 13). Baudrillard defende um prognóstico sombrio: as massas são péssimas condutoras do político e do social, ela os neutraliza, são buracos negros nos quais o social se precipita (BAUDRILLARD, 1994. p. 11). Segundo ele, elas não são sequer individualistas, pois não formam uma unidade do tipo 1+1+1+1+1, indicam antes um conjunto de anulações que nada propaga, a não ser a impossibilidade de circulação de sentido. Contudo, parece-nos que sua indiferença é justamente o material sobre o qual as micropolíticas de confirmação trabalham. A educação escolar ou familiar, as premissas religiosas, a reinserção dos prisioneiros na sociedade ou o espetáculo midiático, não importa o quão parciais ou falhos sejam em suas incursões no universo das massas, trabalham sempre de forma microscópica sobre a indiferença, produzindo e elegendo como exemplos indivíduos “participativos” que expressam, no próprio corpo, a majoração do potencial econômico e, na mente, a participação política modulada. As micropolíticas de confirmação *operam na indiferença*, não para eliminá-la, mas para seguir seus fluidos e moldar suas ondulações. Quando certas linhas de resistência se levantam por meio do enfrentamento ou da fuga, elas rapidamente se oferecem para seguir seus cursos, equalizando-os ou desacelerando-os. As micropolíticas de confirmação têm por objetivo espreitar as resistências, não para barrá-las ou destruí-las – tarefa executada pela macropolítica de dominação – mas para discipliná-las, controlá-las ou geri-las, parasitando sua potência.

Diferente da unicidade do povo, da binaridade das classes e do aspecto cinzento das massas, na *multitude* as multiplicidades sociais são capazes de, ao mesmo tempo, se comunicar, agir em comum e manter-se internamente diferentes. Podemos enumerar ao

menos dois vetores fundamentais que caracterizam a multidão. Primeiro, se a condição para a unidade do povo é a soberania (nacional ou imperial), se as classes se formam com base nas grandes oposições sociais e a massa produz fluxos de uniformidade, as multidões, por sua vez, precisam descobrir e inventar o *comum* que lhes permite agir em conjunto. Por *common* Hardt e Negri entendem não apenas os bens já dados pelo mundo material, como o ar, a água ou os frutos do solo, mas principalmente os resultados da produção social que são necessários à interação e a produção, tais como conhecimentos, linguagens, informações, afetos, imagens, entre outros (HARDT; NEGRI, 2009. p. vii). A unidade da multidão apresenta-se como ameaça uma vez que está focada na capacidade de ação e produção coletiva baseadas no autogoverno (*self-government*). Em segundo lugar, nota-se que o desejo radical de democracia é a “moeda” comum que circula nas redes de resistência micropolíticas. As micropolíticas de confirmação podem estar firmemente ancoradas nas novas formas de soberania imperial, ou melhor, elas atuam preenchendo o Império, dele fazem parte, enquanto a multidão ameaça um avolumamento das deserções em busca de uma alternativa contra disposição da megamáquina política atual. No extremo das deserções, a multidão, por meio da marcha, da ocupação ou da contaminação, quer formar a sociedade de forma autônoma. Para além das rebeliões guerrilheiras, que não raro apresentam resquícios de uma centralização arbórea e se tornam antidemocráticas, a multidão radicaliza a disseminação das redes democráticas e desafia a circulação do poder.

REFERÊNCIAS

- ALTAMIRA, César. *Os marxismos do novo século*. Tradução de Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- AMBROZIO, Aldo. *Empresariamento da vida: discurso gerencialista e processos de subjetivação*. 2011, 225 f, Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Editora UnB, 1982.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. Por um movimento social europeu. In: _____. *Contrafogos 2: por um movimento social europeu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Anti-Édipo*. São Paulo : Ed. 34, 2010.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia V.1*. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia V.4*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- FOUCAULT, Michel. Soberania e disciplina: curso do Collège de France, 14 de janeiro de 1976. In: MACHADO, Roberto (org.). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: populismo na política brasileira. In: _____. *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. *Commonweath*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009.
- _____. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LA BOÉTIE, Étienne. *The politics of obedience: the discourse of voluntary servitude*. New York: Free Life Editions, 1975.
- LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- PADRÓS, Enrique Serra. Capitalismo, prosperidade e Estado de bem-estar social. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *Tempo das certezas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- REIS, José Carlos. *Nouvelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo, Ática, 1994.
- THOMPSON, Edward Palmer. Algumas observações sobre Classe e “Falsa consciência”. In: NEGRO, A.L.; SILVA, S (orgs.). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001. p. 269-281.
- VIRNO, Paolo. *Gramática da Multidão: para uma análise das formas de vida contemporâneas*. Santa Maria, RS. 2003.